Música religiosa, porquê?

> Vai ter lugar na Semana Santa, na cidade de Guimarães, um segundo Festival de Música Religiosa. A cidade vai estar banhada em sonoridades religiosas. Muitos dirão: como convém. Mas porque é que convém?

Qual a diferença entre Música Religiosa e Música não Religiosa?

Tudo depende do conteúdo e intencionalidade: a religiosa, geralmente vocal e com o objectivo claro de uma expressão espiritual, seja ela qual for; a não religiosa, profana, civil, tendencialmente feita para diversão, por vezes meramente instrumental.

Claro que existem frequentes promiscuidades musicais: do profano para o religioso e do religioso para o profano. Que o digam as inúmeras "paródias" de temas profanos (L'homme armé, por exemplo, cujo eco sentimos no concerto da noite do Domingo de Ramos) que deram lugar a tantos motetos e tantas missas já no tempo da Polifonia clássica (séculos XVI e XVII). Que o digam, ainda hoje, tantas canções de filmes, ou de Bob Dylan, adoptados em atos litúrgicos.

Mas é a Música Religiosa que nos interessa, hoje e aqui, em Guimarães, a ex-capital europeia da cultura, o berço de uma nação que se crê religiosa, ou que não pode prescindir da sua dimensão cristã, no emaranhado da sua cultura, feita de monumentos, museus, literatura e música.

No meio destas teias culturais, temos apenas uma certeza: é que a arte da composição no Ocidente nasceu na música da igreja. Foram efectivamente os mestres de capela das igrejas e conventos principais da Idade Média que inventaram a arte e a técnica da Música: da Ars Antiqua (nos sécs XII e XIII) à Ars Nova (séc. XIV). Qual a primeira grande polifonia no Ocidente? – Os organa triplum e quadruplum que nasceram a pari passu com a construção das ogivas da Catedral de Notre Dâme (c. 1160-1250). E já no séc. XIV, temos o tratado Ars Nova (1322) de Philippe de Vitry, diplomata eclesiástico que chegou a Bispo de Meaux, que nos traçou a arte da composição, logo adoptada pelo primeiro grande compositor, o cónego Guillaume de Machaut (1300-1377), cujo modelo de composição, v. c. a sua Missa de Nôtre Dâme, é ainda admirado pelos grandes compositores do nosso tempo.

Não parece haver dúvida de que os autos ou Ludi medievais, inicialmente simples dramas litúrgicos, estão na origem dos teatros por música (de que o Jeu de Robin et Marion, do século XIII, é de facto um protótipo).

E que serão as óperas, na sua raiz, senão ensaios de uma música dramática à imitação das tragédias gregas, de conteúdo mítico-religioso, e em continuidade com a música dramatizada das Paixões litúrgicas?

Depois as sonatas e os concertos como formas de música contrastante nasceram em grandes igrejas (S. Marcos de Veneza...) em todo o século XVI, como experiência de música de diálogo entre coros instrumentais e vocais.

Temos enfim a religião cristã a servir de berço da grande música ocidental. É bom reconhecer este laço umbilical e ouvir a Música Religiosa no seu contexto espiritual. Um deles, emblemático por excelência, é a Semana Santa: era neste tempo que todos os mestres de capela e todos os músicos e cantores das igrejas compunham e afinavam as vozes na melhor música possível: música que vai do gregoriano às polifonias clássicas e ao grande concertante barroco, com os responsórios do Ofício das Trevas, com as Paixões (as 4 de Bach, as mais de 20 de Telemann...), com os inúmeros Stabat Mater, obra esta que continuou a merecer a atenção dos músicos românticos (Rossini, Verdi, Dvorak...) e contemporâneos.

Mas temos ainda a religião, ainda a cristã no Ocidente, a servir o gosto popular nas canções, nos Benditos, nos Martírios, que tanto entusiasmaram em Portugal, a partir dos anos 60 p.p, Michel Giacometti e F. Lopes Graça. Que é desta música religiosa popular? Será que ainda é viva? Será pelo menos possível ouvi-la ainda hoje no seu jeito popular, muitas vezes decadente na sua essência mas ainda assim respeitável?

Um desafio se levanta aqui a grupos de cultura musical popular (os "Outra Voz", e outros mais): que apareçam e concelebrem a música religiosa, a grande e menos grande, no seu contexto espiritual, da Semana Santa.

Com os grandes concertos oferecidos gratuitamente a todos, essa música tradicional faria a plenitude da cultura musical, hoje e aqui religiosamente evocada no nosso segundo Festival de Música Religiosa de Guimarães (www.fmrguimaraes.org).

José M. Pedrosa Cardoso
Oeiras, 04.04.2017